

Machado de Assis, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa e Marques Rebelo: variações em torno do mesmo tema*

Luiz Roncari**

Resumo

Este trabalho tem em vista mostrar como, além das representações míticas, os três paradigmas amorosos do romance de Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas**, têm também fundamentos empíricos e sociológicos. Por outro lado, ele pretende revelar como tais paradigmas são muito mais estruturais e objetivos do que produtos só da fantasia do autor, por isso, estão muito presentes e difundidos na literatura brasileira.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; O amor no **Grande sertão: veredas**; O amor na literatura brasileira.

Foi surpreendente também para mim descobrir que esses autores, apesar da grande diferença entre si, têm muito mais em comum do que parece à primeira vista. E o ponto de união é dado pelo elemento externo, a vida social brasileira, que, de diferentes modos, mimetizam em suas obras, o que também os torna mais realistas do que se tem suposto. Procurarei mostrar aqui como, em alguns momentos e sob determinados aspectos, eles executam apenas variações em torno do mesmo tema. Por tema, quero entender o elemento estruturante da ordem familiar, o amor e as formas descompensadas das relações amorosas para o homem e a mulher, e as variações, as performances estilísticas de cada autor. Eles, por mais que experimentem, não conseguem fugir do peso de ferro do seu objeto: a vida amorosa numa sociedade de extração escravista e colonial. Selecio-

* Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional da Brasa (Brazilian Studies Association), PUC/Rio de Janeiro, em 11 de junho de 2004.

** Universidade de São Paulo.

nei para este trabalho quatro obras desses autores que estão entre os mais importantes da nossa literatura: **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa; o conto “Singular ocorrência”, de Machado de Assis; **Memórias sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade; e **O espelho partido**, de Marques Rebelo. O que diferencia os dois primeiros autores dos dois últimos é o fato de se terem colocado a uma distância máxima dos protagonistas e dos narradores de suas obras, no caso, o Andrade (muito igual ao amigo íntimo que narra a história) e Riobaldo. Isto lhes permitiu maior isenção e abriu espaço para uma visão e apreciação crítica do narrado. Enquanto que os livros dos dois últimos autores são quase autobiográficos – os comportamentos e os fatos da vida dos heróis são muito próximos dos da vida dos autores –, de modo que não se vislumbra por parte deles uma apreciação crítica de seus heróis (o que equivaleria a uma visão crítica de si). Ao contrário, parecem se sentir confortáveis com a identificação e a transformação de suas memórias em matéria literária. O que, a meu ver, significou perda de visão e, com isso, de valor literário. Oswald de Andrade ainda teve tempo de se dar conta disso, de se rever e mudar. Isto fica claro na frase lapidar que praticamente fecha o prefácio que escreveu ao **Serafim Ponte Grande**, livro que continuaria e formaria um par com as **Memórias sentimentais**: “Epitáfio do que fui” (ANDRADE, 1978, p. 133).

O herói do **Grande sertão: veredas**, Riobaldo, vive uma realidade amorosa que soaria muito estranha em qualquer romance moderno, europeu ou americano. Essa realidade é a do seu amor declarado por três mulheres ao mesmo tempo: Nhorinhá, Diadorim e Otacília (além das muitas outras que encontrava pelo caminho). No entanto, o autor naturaliza de tal modo o fato, que ninguém estranha, ou melhor, estranhou, nem a crítica. Esta, ao contrário, procurou ver nesses três amores um percurso ascensional do herói, que ia do amor baixo, de Nhorinhá, ao elevado, de Otacília, transitando no sertão pelo amor ambíguo e humano de Diadorim. Nesse percurso, para a crítica, o herói reproduzia o caminho do amor platônico, tal como exposto por Diotima, no **Banquete**, de Platão, que não exclui nenhuma etapa da busca amorosa, ao contrário, integra todas e mostra ser necessário passar por elas para se chegar ao “verdadeiro amor”. Tais identificações da crítica – e não sem razão, pois o autor dissemina no texto muitos sinais que conduzem a elas – desviam a sua vista da realidade empírica e histórica e a dirigem para as fontes clássicas platônicas e neoplatônicas, antigas, medievais, renascentistas e barrocas. De fato, elas compõem uma camada importante do texto que precisa ser descrita e corretamente identificada, mas que não é suficiente para a compreensão de sua complexidade e integralidade, se é isso o que pretendemos.

Um aspecto a ser observado e que não é apenas um detalhe, mas um desvio importante do caminho platônico, é o fato de o herói amar as três mulheres “ao

mesmo tempo”. Ele não passa por uma para chegar a outra e assim superar as diversas etapas da via amorosa. Ele conhece cada uma separadamente, porém não deixa de amar a anterior depois de conhecer a outra; Riobaldo as ama à medida que as vai conhecendo até chegar a amar as três e as carregar consigo interiormente. O que há no fato de mais relevante e característico é que o herói “ama diferentemente a cada uma”, e elas representam aspectos distintos do amor, e ele, em vez de sofrer a sua compartimentação e tentar superá-la, a reafirma. Nunca ocorre que o tipo de sentimento vivido por uma se transfira para a outra. Jamais ele deixa transparecer algum desejo sexual por Otacília ou a vontade de se casar com Nhorinhá. De Diadorim ele sente a falta e quer a sua presença, tensa e inquietante, mas a atração vivida pelo amigo não pode se encaminhar para a realização da sexualidade, como com Nhorinhá, e muito menos para um futuro estabilizado e familiar, como o que aspira com Otacília. O problema, portanto, não é o da escolha entre uma e outra, pois cada uma só pode realizar um dos aspectos do amor, e nenhuma demonstra poder suprir todas as expectativas do herói. O que está no centro dessa representação são as dificuldades, os dilaceramentos e as deformações de caráter que essa forma de realizar o absoluto amoroso provoca no herói. Parece-me, com isso, que estamos mais no terreno dos costumes do que no da metafísica, de busca por parte do herói de transcendência e superação, embora essa angústia também exista e esteja presente no romance. Isto faz do herói ao mesmo tempo “um brasileiro” e um jagunço inconformado, que procura se ultrapassar. Neste trabalho não vou me preocupar com as singularidades do herói, do que já tratei noutro lugar (RONCARI, 2004), mas com a sua generalidade, como ele é mais comum na literatura brasileira do que parece e encarna as mesmas práticas amorosas do patriarcalismo brasileiro.

Quem percebeu e sintetizou como o sentimento amoroso se segmenta numa sociedade de extração colonial e escravista como a brasileira foi Roger Bastide (1959), no ensaio muito curioso “Psicanálise do cafuné”, apoiado nas leituras de **Casa grande & senzala** e **Sobrados e mucambos**, de Gilberto Freyre. Interessado em explicar o hábito do cafuné, ele diz:

É para o nordeste dos engenhos de cana de açúcar que nos devemos dirigir. O que o caracteriza é que o senhor de engenho separava sua vida marital de sua vida amorosa. A mulher branca, que ele desposava ainda jovem, ao sair do convento, na época dos primeiros sonhos romanescos e do despertar dos sentidos, não era considerada por ele senão como dona da casa, dirigente dos escravos e sua enfermeira se fosse preciso, e, sobretudo, como procriadora. Sua vida amorosa ele reservava para as negrinhas e as mulatas da senzala. (p. 315-316)

Como o olhar do sociólogo francês se volta para a realização da vida afetiva da mulher, ele fala como ela compensava a carência. Por um lado, ela se masculiniza-

va, se envolvendo em tarefas do campo masculino, e, por outro, se abria para uma relação de forte tom lesbiliano, como a do cafuné, que só não chegava às últimas conseqüências devido às censuras externas e internas:

Assim sendo, as reservas acumuladas de carinho da jovem branca careciam de um reservatório onde transbordar. [...] Casada muitas vezes aos doze, treze anos, vivendo “sob a dura tirania dos pais, depois substituída pela tirania dos maridos”, “senhores maridos de quarenta e cinqüenta, de sessenta e setenta”, “a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de Senhor”, e sentindo pairar à sua volta o ar lúbrico das negrinhas semi-nuas acariciadas pelo marido, não se revoltaria ela e não iria procurar em outra parte consolo para seus sonhos ultrajados? (BASTIDE, 1959, p. 316)¹

Porém, se nós olharmos para o lado dos homens, veremos que, entre as duas especializações do amor, a sexual com as escravas ou amantes e a funcional com a mulher oficial, ficava um vazio que era justamente o da intimidade. Com quem estabelecer a interlocução sobre as questões mais relevantes que ultrapassavam as da esfera familiar, fossem as pessoais, fossem as econômicas, políticas e intelectuais, que nem uma nem outra das mulheres estava preparada para compartilhar? A discussão dessas questões e a confissão dos problemas mais íntimos eram feitas na roda dos amigos ou com o amigo íntimo, dependendo do caráter mais ou menos secreto do assunto. Era aqui que crescia o amor com traços misóginos e homossexuais: a atração e o amor do amigo, sempre disposto a ouvir e a compartilhar as agruras do outro. Isto tornava o amor pela mulher mais o cumprimento de uma necessidade dos instintos e das exigências sociais do que de fato um prazer de se estar junto.² A boa hora mesmo era a da mesa do bar ou restaurante, com o amigo íntimo, para as confissões, e na roda de amigos, para as fanfarrônicas e cafagestagens. Dessa “perturbação” também a literatura brasileira está impregnada, como veremos adiante, com alguns exemplos que poderiam ser multiplicados.

Os paradigmas amorosos vividos por Riobaldo não são tão distintos dos modelos dominantes da sociedade patriarcal brasileira e praticados amplamente desde os tempos coloniais: Nhorinhá é a mulher da vida sexual, como eram as índias, as mucamas das senzalas, as prostitutas ou as pobres bonitas sustentadas como amantes; Otacília, é a mulher da prole oficial e das alianças familiares, condenada a se transformar um dia na mulher “resignada” ou na “santa”, como muitas personagens femininas da boa literatura brasileira, como, por exemplo, a de Macha-

¹ Essa “perturbação”, nas palavras de Gilberto Freyre, foi muito bem representada no poema de Jorge de Lima, “Madorna de Iaiá”, do livro *Novos poemas*.

² Como esse costume sobrevive às mudanças no Brasil e se perpetua, Drummond tem uns versos impecáveis, no poema “Tristeza do Império”, do livro *Sentimento do mundo*. Neles, o poeta fala como o seu presente realizava os sonhos dos antigos conselheiros: “sonhavam a futura libertação dos instintos/ e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de Copacabana, com rádio e telefone automático”.

do de Assis (Cf. RONCARI, 2000 e 2003); e Diadorim, cumpre o papel do amor do quartel, o amor do amigo, transgressivo, com traços misóginos e homossexuais, nascido da atração pela superioridade máscula, social ou intelectual, e cultivado pelo convívio. Esses são os paradigmas do patriarcalismo brasileiro e os do **Grande sertão** não têm muita coisa de original. A sua singularidade está muito mais no processo de estilização e sublimação da realidade realizado pelo autor, que estudei também no meu livro anteriormente referido. Neste trabalho, procurarei mostrar como esses paradigmas são recorrentes na nossa literatura. Para ilustrar, irei mencionar como eles se repetem em outros três autores absolutamente distintos, que, à primeira vista, não têm nada em comum, mas que, desta perspectiva, não executam mais do que variações em torno do mesmo tema. E o tema é dado pelos costumes, a vida empírica e histórica mimetizada pelos textos.

No conto de Machado de Assis, “Singular ocorrência”, o protagonista, o Andrade, tem do mesmo modo que Riobaldo a sua vida afetivo-amorosa tripartida: é casado com uma mulher bonita, “afetuosa, meiga e *resignada*” – nas palavras do amigo narrador –, com quem tem uma filha; mantém numa casinha Marocas, que tirou da prostituição para ser a sua amante, e cujo dote maior é revelado pelo comentário de um observador: “a julgar *pelo corpo*: é moça de truz”; e ele tem também o amigo íntimo – o que agora relata os fatos – com quem frequenta os restaurantes, conversa, troca confidências e comparte agruras (ASSIS, 1974, p. 390; grifos meus). A mesma tripartição ocorre com João Miramar, do romance de Oswald de Andrade: ele é casado com a prima rica fazendeira, não por acaso chamada Célia *Cornélia* da Cunha, com quem tem uma filha, Celinha; possui também uma amante sexual, Rolah, uma atriz, cujo grande dote é descrito no episódio com o título de “Promessa pelada”: “E branca e nua dos pequenos seios em relevo às coxas cerradas sobre a floração fulva do sexo, permaneceu numa postura inocente de oferenda”; porém a sua interlocução só acontecia na roda boêmia, depois das dez da noite, quando deixava a casa da amante e “Encontrava infalíveis a uma mesa promíscua do Pinoni num açúcar de óperas Machado Penumbra e o Dr. Pilatos. E maledizíamos com musical whisky e soda” (ANDRADE, 1978, p. 58); e a intimidade e troca de confidências se dava com o fino poeta chamado, também não por acaso, *Fileas*, o que ama, o amigo íntimo:

Ele era o íntimo e falava-me da imortalidade da poesia e da mortalidade dos poetas inclusive ele mesmo. Tinha perdido no bicho e andava adoentado com abusões e terrores *mas escutava-me de orelha compassiva* achando que [se] todos os homens e todas as mulheres tivessem aquele corpo branco de Rolah seria a Grécia”. (ANDRADE, 1978, p. 56; grifo meu)

E não é diferente a tripartição vivida pelo protagonista/autor no romance-diário de Marques Rebelo, **O espelho partido**. O interessante é que este é um

romance urbano que fala da vida intelectual e literária na grande cidade cosmopolita e moderna, o Rio de Janeiro dos anos 30 e 40 do século XX. Eduardo, o nome do protagonista que disfarça o próprio autor, é casado com Lo-bélia, com quem tem um casal de filhos e vive o inferno conjugal (v. p. ex. o diá-logo do dia 17 de dezembro de 1936, no primeiro volume, **O trapicheiro**). O que justificaria ao herói procurar os afetos com as duas amantes: uma rica, Catarina, e uma funcionária pública, Luísa. Como a mulher oficial não se “resigna” e inferniza a sua vida, Eduardo se separa e vai viver com Luísa, com quem compra um apartamento. Ela será a sua “santa”, a mulher de verdade, resignada, pois ele não se acomoda, mas Luísa em nenhum momento reclama da sua situação. Ele logo arranja uma outra amante, Júlia, agora pobre, burra e de péssimo gosto, mas gos-tosa, e ele não tem nenhum prurido em assim apresentá-la:

Se Maria Berliini [um outro “caso” de Eduardo], a provinciana, sempre foi a ignorância a caminho da cultura, com todos os conflitos e malogros que gera tal trajetória, Júlia, a suburbana, é a vibrante incultura a caminho de mais incultura, com todas as arrogâncias que surtem da empreitada, estrumadas por um temperamento de ventoinha. E isso é magiação desta hora da noite, noite escura, sem estrelas, longe dela. Diante da sua nudez de vinte anos, com a marca redondinha de um furúnculo na espádua, muita coragem analítica pode se subverter, que a carne delirante se superpõe aos pensamentos, soterra crítica e lógica. (REBELO, 1968, p. 371; v. tb., entre outros, os comentários que faz dela no dia 8 de dezembro de 1944)

Porém, o mais permanente na sua vida é o grupo de amigos: Francisco Amaro, Gasparini, Garcia, Adonias Ferraz. Com eles o herói convive, comemora; a eles se confessa e todos compartilham mutuamente as agruras, pouco mudando essa roda ao longo dos três volumes. Vistos deste prisma, os heróis de todos esses livros são profundamente “brasileiros”, até a raiz do cabelo. A pergunta que nos fica é: como poderia o autor de romance, a partir de tais costumes, tratar do amor elevado? Como o escritor brasileiro poderia desenvolver esse tema tão caro à literatura européia do século XIX, sem cair na comédia ou derivar para a sátira de costumes?

As relações colaterais eram um fato tão estrutural na vida familiar brasileira, particularmente na das elites, que, em 1912, a Comissão encarregada de elaborar o nosso primeiro Código Civil fez de tudo para derrubar uma emenda do Senado que suprimia o artigo que vedava o reconhecimento dos filhos incestuosos e adulterinos. Até um liberal como Afrânio de Melo Franco colocou-se contra essa emenda que defendia o reconhecimento dos filhos naturais, pois considerava-a atentatória “aos fundamentos da estabilidade da família, que não pode existir sem a tranqüilidade moral indispensável [com ela] pairando constantemente na consciência dos cônjuges”. Como justificativa, ele dizia que os vínculos familiares não se assentavam exclusivamente nos laços de sangue, mas eram “regulados

pelas normas da legislação de cada povo” (FRANCO, 1976, p. 605-606). Este era um modo bem liberal de chamar os costumes patriarcais de leis. Com isso, o Art. 358 do nosso primeiro Código Civil ficou assim: “Os filhos incestuosos e os adúlteros não podem ser reconhecidos” (FRANCO, 1976, p. 835), para a estabilidade e tranqüilidade dos senhores da Casa-Grande.

Abstract

This paper aims at demonstrating how, besides being mythical representations, the three amorous paradigms of Guimarães Rosa’s novel **Grande sertão: veredas** also have empirical and sociological fundamentals. On the other hand, it also endeavours to reveal how those paradigms are much more structural and objective features than products of the author’s fantasy, and that is why they pervade the whole Brazilian literature.

Key words: Guimarães Rosa; Love in **Grande sertão: veredas**; Love in Brazilian literature.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar/Serafim Ponte Grande**. 6. e 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ASSIS, Machado de. Singular ocorrência. In: **Obra completa**. v. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1974. p. 390-395.
- BASTIDE, Roger. Psicanálise do cafuné. In: **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anambi, 1959. p. 305-321.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Um estadista da República**. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC/Editora Nova Aguilar, 1976.
- REBELO, Marques. **A guerra está em nós**. São Paulo: Martins Editora, 1968.
- RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- RONCARI, Luiz. Ficção e história: o espelho transparente de Machado de Assis. **Tereza** – Revista de literatura brasileira. São Paulo: 1, p. 139-154, 1. sem. de 2000.
- RONCARI, Luiz. Machado de Assis: o aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana (trab. apresentado no 1º Simpósio Internacional Eça & Machado de Assis, PUC-SP e Unicamp, em 17 de setembro de 2003). (No prelo).